



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 1 de abril de 2013

| | |
|---|---|
| A CRITICA Guia econômico | 1 |
| ECONOMIA | |
| A CRITICA ANFAVEA | 2 |
| ECONOMIA | |
| DIÁRIO DO AMAZONAS Empregos temporários e terceirizados na indústria aumentam 13% neste ano | 3 |
| ECONOMIA | |
| DIÁRIO DO AMAZONAS IPI reduzido para carros de passeios e caminhões é prorrogado até dezembro | 4 |
| ECONOMIA | |
| DIÁRIO DO AMAZONAS Tempo de remoção de contêiner em Manaus é reduzido em 54% com tecnologia em porto..... | 5 |
| ECONOMIA | |

Guia econômico

DESENVOLVIMENTO

Distância que nos separa

> Entre os anos de 1980 e 2010 a produtividade asiática triplicou, enquanto que da AL ficou estática.

> A Índia vem produzindo muito mais engenheiros do que todos os países da América Latina juntos.

> A velocidade com que os asiáticos seguem dominando o mundo, ao Brasil restará fornecer bens primários.

Tanto o Brasil quanto a América Latina (AL) como um todo, tem crescido muito nos últimos dez anos. Nesse período, não se notou nenhuma crise de dívida, excetuando a Argentina. Ao mesmo tempo, houve crescimento da renda *per capita* em quase todos os países e melhoria em muitos indicadores sociais. No entanto, um problema persiste, e não há o menor sinal de melhoria: nenhum país da América Latina conseguiu diminuir a enorme lacuna tecnológica que os separa dos países desenvolvidos e até mesmo dos países em desenvolvimento localizados na Ásia. A produtividade da Ásia, de acordo com a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe), por exemplo, equivale a 33% da produtividade dos Estados Unidos. Se essa comparação é feita com países da América Latina, a relação é de apenas 12,5%. Ou seja, a produtividade da Ásia é quase três vezes maior que a produtividade da AL e a produtividade do EUA é oito vezes maior que da AL. É como se um trabalhador nos Estados Unidos conseguisse produzir

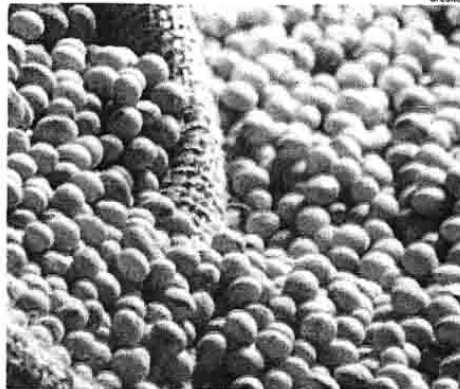
Aviões

No início da década de 2000, o principal produto exportado pelo Brasil eram aviões. No final da mesma década, aviões caíram para 4º lugar e nas três primeiras posições estavam minério, petróleo e soja, respectivamente.

10 aparelhos de celular em um dia e, no Polo Industrial de Manaus (PIM), um trabalhador conseguisse produzir apenas 1,25 aparelho. Uma diferença gritante!

PORQUÊ TAMBÉM DIFERENÇA DE PRODUTIVIDADE?

O elemento chave que determina o nível de produtividade de uma economia é seu desenvolvimento tecnológico. Se compararmos os preços dos produtos do PIM com o similar importado da Ásia, notamos que o preço do PIM é bem mais alto e essa diferença não é atribuída à carga tributária, mesmo porque ela é reduzida no PIM. Essa diferença



Crédito

pode ser atribuída, em parte, à capacidade inovativa do PIM, que é muito limitada e gera pouco valor agregado aos produtos. O perfil das exportações aponta na mesma direção. A incorporação de tecnologia aos produtos feitos na AL, de modo geral, é pobre, tornando o risco de primarização da economia muito mais iminente. Aliás, essa é uma preocupação crescente, isto é, o

desempenho da economia baseado em produtos primários, os quais vão desde soja e minerais ao petróleo. Alguns estudos indicam que a grande lacuna existente entre níveis de tecnologia está ligada diretamente às políticas públicas voltadas para a educação. A diferença em educação é proeminente. A Índia, por exemplo, produz muito mais engenheiros e cientistas que todos

os países da AL juntos. O Governo deve exercer papel fundamental nesse processo, atuando como parceiro e não como cobrador de impostos que não oferece contrapartida satisfatória. Um estudo comparado de economias, realizado por pesquisadores da Universidade de Cambridge, Reino Unido, mostra que na década de 50, a Ásia tinha renda per capita pouco superior à da África e muito abaixo da América Latina. Na década de 80 o cenário mudou. Nações que antes eram consideradas muito pobres como Coreia do Sul, Taiwan e Singapura, superaram a renda per capita da AL e, junto com Hong Kong, transformaram-se naquele grupo de economias que o mundo passou a chamar de tigres asiáticos. Desde então, a produtividade nesses países tem atingido níveis impressionantes. Conforme o estudo, entre 1980 e 2010 a produtividade asiática triplicou, enquanto que da AL ficou estática.

PERDEMOS O BONDE DO TEMPO

Conforme revelam os estudos, para que um país se desenvolva

e passe a exportar produtos de alto valor agregado, não basta apenas absorver tecnologia. É preciso inovar e ter marcas fortes. No Brasil, o único caso que se enquadra nessa característica é o da empresa Embraer, uma das maiores produtoras de aviões do mundo. Vejamos o caso do PIM, por exemplo, que mesmo com as exigências dos pbb's (Processo Produtivo Básico), o nível de tecnologia incorporado pelo PIM é quase nulo. O percentual de insumos importados ainda representa mais de 50% da composição de muitos produtos aqui fabricados. Esse é um problema que já deveria ter sido resolvido pelo Governo federal. A solução é complexa, mas não impossível e tudo começa pelos investimentos em educação, reforma tributária, investimentos em infraestrutura e assim por diante. Ou seja, é preciso fazer o que os asiáticos fizeram há muito tempo: preparar as bases para serem competitivos. A questão é: com a velocidade com que os asiáticos seguem dominando o mundo, haverá ainda chance para o PIM?

ANFAVEA

IPI ajudará a manter empregos

BRASÍLIA (FOLHAPRESS) A prorrogação da alíquota reduzida do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para automóveis até 2014, anunciada na noite deste sábado (30) pelo Ministério da Fazenda, ajuda a manter os níveis de produção e de emprego no setor automotivo, avaliou neste domingo o diretor de Relações Institucionais da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Ademar Cantero. "Mantendo os níveis de vendas, você automaticamente está assegurando níveis de produção e, conseqüentemente, níveis de emprego", afirmou. De acordo com Cantero, o efeito da medida sobre o mercado é "muito positivo". "A indústria automobilística representa 5% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. O efeito econômico social desse mercado é muito importante na economia.

Empregos temporários e terceirizados na indústria aumentam 13% neste ano

TEXTO Laís Motta
FOTO Eraldo Lopes

MANAUS

A participação da mão de obra temporária e terceirizada no Polo Industrial de Manaus (PIM) cresceu 13,53% no primeiro mês deste ano na comparação com janeiro de 2012. Os últimos indicadores da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) apontam que, mesmo com o nível de emprego mais baixo, a contratação de trabalhadores não efetivos no setor continua em alta. As incertezas e o ritmo lento da economia são apontados como fatores para o aumento desse tipo de emprego.

Em janeiro desse ano, o número de terceirizados atuando nas 453 empresas do Polo que forneceram dados à Suframa era de 4.919. No início do ano passado, a mão de obra tercei-

rizada somava 4.320 trabalhadores – uma alta de 13,86%. Também registrou forte aumento a participação dos temporários, de 12,98% no primeiro mês de 2013. O número de temporários era de 2.657 em janeiro de 2012 e passou para 3.002 neste ano.

Os dados da Suframa apontam que a mão de obra temporária e terceirizada tem crescido frente à efetiva no setor industrial depois de haver apresentado uma redução há dois anos.

Na avaliação do vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), Nelson Azevedo, a situação ocorre em função do ritmo lento do mercado. “Dada a incerteza (no mercado), as empresas optam por esse artifício da mão de obra temporária, ao invés da definitiva. É exatamente pela dúvida na economia que isso ocorre”, explica Azevedo.

OS NÚMEROS

7,3% do total de trabalhadores na indústria amazonense ao final de 2012 era de temporários e terceirizados, de acordo com dados da Suframa.

110 mil era o número de trabalhadores empregados no setor industrial no Amazonas em dezembro passado.

6,3% era o percentual de temporários e terceirizados empregados na indústria em dezembro de 2011.

122 mil era o número de empregados nas empresas industriais em 2011. Mesmo com um total maior de trabalhadores, o percentual de temporários e terceirizados estava menor.

O executivo aponta que a prática da contratação de trabalhadores não efetivos é comum, ainda mais quando as empresas têm uma meta de produção a atingir. “Nos meses finais do ano, com as festividades, existe uma demanda grande. Mas sabe-se que no primeiro trimestre essa mão de obra vai ficar praticamente ociosa”, disse.

Postos de trabalho

Os dados da Suframa mostram que, historicamente, quanto menor o número de postos de trabalho, maior é o percentual de mão de obra terceirizada e temporária empregada. Em janeiro desse ano, o PIM tinha 118.361 pessoas empregadas, sendo 6,69% terceirizados e temporários. Quando o nível de emprego foi um pouco maior, como em janeiro de 2012, quando 120.262 trabalhadores estavam empregados, a participação dos contratos

não efetivos era de 5,8%. Da mesma forma em janeiro de 2011, quando as indústrias tinham preenchidos 111.341 postos de trabalho, dos quais 9,61% eram de temporários e terceirizados. Para o vice-presidente da Fieam, com a estabilidade do mercado, a mão de obra tende a ser efetivada.

O presidente do Centro da Indústria do Estado do Amazonas (Cieam), Wilson Périco, explica que as empresas contratam trabalhadores por tempo determinado para não correr o risco de não poder manter aqueles funcionários. Ele destaca que a situação foi ‘um pouco agravada’ em 2012.

“As empresas de vários segmentos foram muito impactadas no ano passado e tiveram um novo momento em que as incertezas continuam, sem sinalização de melhora”, analisa. Para ele, a maioria dos trabalhadores é efetivada na função.

IPI reduzido para carros de passeios e caminhões é prorrogado até dezembro

▼ Governo decide manter alíquota atual com objetivo de 'estimular a cadeia automobilística'

TEXTO Agência Brasil

BRASÍLIA

O governo decidiu prorrogar até o final do ano a redução das alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para automóveis e caminhões. A medida foi anunciada na noite do último sábado, dois dias antes do prazo previsto para o fim da redução, nesta segunda-feira.

Em nota, o Ministério da Fazenda justificou que, com a medida, o governo federal,

"não só estimula o setor automotivo, um dos principais motores da economia, como toda a cadeia automobilística, como as indústrias de autopeças, de estofado e de acessórios".

A prorrogação da desoneração do tributo até 31 de dezembro, de acordo com o Ministério da Fazenda, representará renúncia fiscal adicional de R\$ 2,2 bilhões entre os meses de abril e dezembro.

Para os veículos tipo 'flex', abastecidos a álcool e gasolina, veículos movidos a gasolina com motor até 1.000 cilin-

R\$ 2

bilhões e duzentos milhões é o valor da renúncia fiscal adicional com a decisão de manter o IPI para automóveis e caminhões no patamar atual, antes prevista para ser alterada a partir desta segunda-feira.

dradas, a alíquota do IPI permanecerá em 2%. Antes, a previsão era que o imposto fosse elevado para 3,5% a partir de 1º de abril. Segundo o Ministério da Fazenda, a alíquota original para essa classe de veículos é 7%.

Já para os veículos flex com motores de 1.000 a 2.000 cilindradas, que teriam a alíquota do IPI elevada para 9% a partir da próxima segunda-feira, serão mantidos os atuais 7%. Os carros a gasolina, que teriam o imposto elevado para 10%, permanecerão com o IPI em

8%. As alíquotas originais das duas categorias são, respectivamente, 11% e 13%.

Segundo o Ministério da Fazenda, a alíquota para os veículos acima de 2.000 cilindradas permanecerá alterada em 25% para aqueles movidos a gasolina e em 18% para os flex. Para os caminhões, o IPI permanece em zero.

O governo federal também decidiu prorrogar até 31 de dezembro a alíquota de 2% do IPI para os veículos comerciais leves. Originalmente, o IPI para essa categoria é 8%.

Tempo de remoção de contêiner em Manaus é reduzido em 54% com tecnologia em porto

O tempo de remoção de um contêiner nos pátios do principal porto de Manaus reduziu, no último mês, de 1h para apenas 28 minutos. Na prática, isso significa que todas as mercadorias, insumos e demais produtos desembarcados nos pátios do Terminal Portuário do Grupo Chibatão destinados às linhas de produção do Polo Industrial de Manaus, às grandes empresas do comércio varejista e também a construção civil, ganharam mais eficiência e rapidez no desembarço aduaneiro considerado por especialistas um dos principais gargalos da logística no Amazonas. A nova marca foi registrada entre os dias 25 de fevereiro a 26 de março e corresponde ao primeiro mês de operação plena dos seis guindastes adquiridos pela empresa no segundo semestre de 2012 e que são utilizados para remoção e colocação de contêineres em pilhas de armazenamento e destas para os caminhões e carretas que as levarão ao cliente final. O porto é responsável pela movimentação de dois terços de todas as cargas e mercadorias importadas e exportadas pelo Estado via navios de longo curso (para outros países) e cabotagem (pelo litoral brasileiro e Mercosul).